



## CARTOGRAFIAS DAS RESISTÊNCIAS DOCENTES: MEMÓRIAS, ESGOTAMENTO E INVENÇÕES COLETIVAS NA EDUCAÇÃO PAULISTA<sup>1</sup>

Nathalia de Oliveira <sup>2</sup>

### RESUMO

Este relato de experiência cartografa práticas de resistência docente da/na educação pública paulista, em um contexto marcado pela intensificação da plataformização do ensino, pela lógica da performance e pelo esgotamento físico e psíquico de professores e estudantes. A partir da metodologia cartográfica, articulamos duas experiências situadas: uma escola estadual da rede paulista e uma escola comunitária em território de assentamento rural. Em ambos os contextos, observamos como, apesar das linhas molares de controle, como avaliações padronizadas, vigilância digital, racismo institucional e normatizações curriculares, emergem práticas moleculares de cuidado, escuta, memória e invenção coletiva. Inspiradas/os em Paulo Freire e bell hooks, Peter Pál Pelbart e Georges Didi-Huberman, compreendemos essas práticas como gestos de (re)existência que sustentam a vida dentro de um sistema que frequentemente a esgota. Defendemos que políticas educacionais comprometidas com a educação pública precisam reconhecer e valorizar essas experiências não como exceções, mas como produções legítimas de conhecimento, capazes de apontar outros horizontes para a escola pública paulista.

**Palavras-chave:** educação pública; cartografia; esgotamento docente; resistências; invenções coletivas.

### INTRODUÇÃO

A educação pública paulista tem se constituído, nas últimas décadas, como um laboratório privilegiado da racionalidade neoliberal. A centralização curricular, a expansão de plataformas digitais, as avaliações em larga escala e os sistemas de ranqueamento produziram

<sup>1</sup> O presente texto constitui um relato de experiência vinculado à pesquisa de doutorado, atualmente em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Ensino e História das Ciências e da Matemática (UFABC). Sob orientação da Profª Drª Maria Candida Varone De Moraes Capecchi e coorientação do Profº Drº Alexander de Freitas.

<sup>2</sup> Doutoranda em Ensino e História das Ciências e da Matemática pela Universidade Federal do ABC (UFABC). Professora da rede estadual de ensino de São Paulo e supervisora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID – UFABC). [oliveira.n@ufabc.edu.br](mailto:oliveira.n@ufabc.edu.br)



uma escola cada vez mais orientada pela lógica da performance, da produtividade e do controle. Nesse cenário, o trabalho docente vem sendo progressivamente esvaziado de autonomia, enquanto o cotidiano escolar se organiza em torno de metas, indicadores e relatórios que pouco dialogam com as realidades concretas dos territórios.

Este relato de experiência nasce do incômodo diante desse processo e da necessidade de tornar visíveis práticas que insistem em existir apesar dele. Partimos da compreensão de que o esgotamento docente não é apenas individual ou psicológico, mas político e estrutural: resultado de um modelo educacional que captura o tempo, o corpo e o desejo de professores e estudantes. Ao mesmo tempo, recusamos a narrativa da escola como espaço exclusivamente de fracasso ou submissão.

A partir de duas experiências situadas — uma vivida em uma escola estadual da rede paulista e outra em uma escola comunitária construída em território de assentamento rural — buscamos cartografar gestos cotidianos de resistência, cuidado e invenção coletiva. Embora atravessadas por contextos distintos, ambas as experiências revelam um mesmo movimento: a produção de frestas no interior de estruturas rígidas, onde a educação volta a se organizar em torno da vida, da memória e da comunidade.

Inspiradas/os pela noção de “permanecer com o problema” (Haraway) e pela leitura de Didi-Huberman sobre os levantes como lampejos que sobrevivem mesmo em tempos de devastação, este texto apostava na força dos pequenos gestos. Não como soluções prontas, mas como sinais de que, mesmo sob políticas de controle, a escola pública ainda pode ser território de criação, encontro e (re)existência.

## METODOLOGIA

A metodologia adotada é a cartografia, conforme elaborada por Gilles Deleuze e Félix Guattari e apropriada no campo da educação como um modo de pesquisa implicado, sensível e situado. Diferentemente de métodos que buscam representar a realidade de forma objetiva e distanciada, a cartografia acompanha processos, forças e movimentos que atravessam os territórios pesquisados.





Cartografar é também uma operação de traçar linhas de fuga nos territórios, às vezes tão cinzentos, da educação; bailar por entre territórios; abrir-se; engajar-se; indicar vazamentos diante das forças que tentam direcionar os acontecimentos; enfim, fabular, criar, pintar outros mundos para a educação. (OLIVEIRA & PARAÍSO, 2012, p.170).

Neste relato, a cartografia se constrói a partir da posição de professora-pesquisadora, implicada nas experiências narradas. Os registros não se organizam como “dados” no sentido clássico, mas como fragmentos de memória, cenas do cotidiano escolar, narrativas de estudantes, docentes e comunidades, além de afetos produzidos no encontro com os territórios. A escrita assume, assim, um caráter ético-político, reconhecendo que pesquisar é também tomar posição.

Para a análise, mobilizamos as noções de linhas molares, moleculares e de fuga. As linhas molares dizem respeito às estruturas duras que organizam a educação pública paulista — plataformização, avaliações padronizadas, racismo institucional, vigilância e performatividade. As linhas moleculares se manifestam nos gestos cotidianos de escuta, cuidado, cultivo do território, criação de dispositivos pedagógicos e organização comunitária. Já as linhas de fuga aparecem quando essas práticas produzem rupturas mais profundas, como a recusa a permanecer em espaços violentos e a invenção de outras formas de escolarização.

A cartografia, nesse sentido, não busca generalizar resultados, mas tornar visíveis experiências que escapam às métricas oficiais e que, justamente por isso, revelam outras possibilidades de pensar e viver a educação pública.

## REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico que sustenta este relato articula três eixos principais: a crítica à racionalidade neoliberal na educação, as epistemologias da resistência e a valorização das experiências como produtoras de conhecimento.

Paulo Freire oferece a base ética e política para compreender a educação como prática de liberdade, fundada no diálogo, na escuta e no compromisso com a transformação da realidade. Em oposição à educação bancária e tecnicista, Freire nos permite afirmar que ensinar e aprender são atos profundamente humanos, que não podem ser reduzidos a indicadores de desempenho.



Nessa mesma direção, bell hooks amplia essa compreensão ao afirmar a educação como prática de liberdade encarnada no corpo, no afeto e na experiência vivida. Para hooks, ensinar é um ato de presença, cuidado e responsabilidade ética, especialmente quando se trata de corpos historicamente silenciados e violentados pelo racismo, pelo sexismo e pela colonialidade. Ao defender uma pedagogia engajada, comunitária e amorosa, hooks desloca a educação do campo da neutralidade técnica para o território da vida, onde aprender é também curar, pertencer e resistir coletivamente.

A obra de Freire (e de muitos outros professores) afirmava meu direito, como sujeito de resistência, de definir minha realidade. Os escritos dele me proporcionaram um meio para situar a política do racismo nos Estados Unidos dentro de um contexto global onde eu via meu destino ligado ao dos negros que lutavam em toda parte para descolonizar, transformar a sociedade. Mais que muitos pensadores feministas burguesas brancas, na obra de Paulo havia o reconhecimento da subjetividade dos menos privilegiados, dos que têm de carregar a maior parte do peso das forças opressoras (exceto pelo fato de ele nem sempre reconhecer as realidades da opressão e da exploração distinguindo os sexos). Esse ponto de vista confirmava meu desejo de trabalhar a partir de uma compreensão vivida das vidas das mulheres negras pobres (HOOKS, 2017, p.75).

Articulados, Freire e hooks permitem compreender a educação não como treinamento para o mercado, mas como processo de humanização, construção de comunidade e afirmação da dignidade — horizonte que tensiona frontalmente os dispositivos neoliberais que reduzem a escola a espaço de controle, desempenho e adaptação.

Peter Pál Pelbart contribui para pensarmos o esgotamento contemporâneo não apenas como cansaço individual, mas como efeito de um regime que captura a vida, o tempo e o desejo. Sua reflexão sobre o avesso do niilismo nos ajuda a reconhecer, nas práticas moleculares do cotidiano escolar, potências de vida que resistem mesmo quando tudo parece empurrar para a desistência.

Georges Didi-Huberman, por sua vez, nos inspira a olhar para as resistências como lampejos e levantes que não se organizam necessariamente de forma espetacular ou institucionalizada. As experiências aqui cartografadas — tanto na escola estadual quanto na escola comunitária — podem ser lidas como esses pequenos levantes: gestos que, ao sustentar a memória, o território e o comum, desafiam a lógica do apagamento.





Essas contribuições dialogam com as epistemologias do Sul, especialmente com o conceito de aquilombamento de Beatriz Nascimento e com o feminismo comunitário de Julieta

Paredes, que compreendem a comunidade como prática política viva. A escola comunitária do assentamento explicita como o racismo institucional e as políticas educacionais excludentes produzem violências concretas, ao mesmo tempo em que revela o aquilombamento como linha de fuga antirracista e pedagógica.

Ao articular esses referenciais, defendemos que as experiências docentes aqui narradas não são exceções marginais, mas produções legítimas de saber. São elas que permitem imaginar políticas educacionais comprometidas com a vida, com a memória e com as invenções coletivas — e não apenas com rankings, plataformas e metas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados deste relato de experiência não se organizam como achados conclusivos ou generalizáveis, mas como pistas cartográficas, produzidas no acompanhamento atento de práticas docentes e comunitárias que insistem em existir em meio às políticas de controle da educação paulista. Trata-se de resultados-processo, que emergem do encontro entre território, memória e prática educativa.

Nas duas experiências analisadas — a escola estadual da rede paulista e a escola comunitária no território do assentamento — identificamos a presença de linhas molares fortemente atuantes. Na rede estadual, essas linhas se expressam na intensificação da plataformação, na padronização curricular, nos sistemas de avaliação e ranqueamento e na sobrecarga administrativa que recai sobre o trabalho docente, produzindo esgotamento e sensação constante de inadequação. No território do assentamento, as linhas molares aparecem de forma ainda mais violenta, articuladas ao racismo institucional, à negação do território como espaço legítimo de aprendizagem e à tentativa de submeter a vida comunitária a modelos escolares urbanos e normativos.

Entretanto, a cartografia também permitiu tornar visíveis linhas moleculares que atravessam ambos os contextos. Na escola estadual, elas se manifestam em gestos cotidianos de cuidado, na criação de dispositivos de escuta, na recusa silenciosa de reduzir a educação ao



cumprimento mecânico de plataformas e na reinvenção do tempo pedagógico a partir das relações. No assentamento, essas linhas aparecem na organização comunitária da escola, na

agroecologia como prática educativa, na troca de saberes entre gerações e na centralidade do território como produtor de conhecimento.

A análise dessas práticas indica que, mesmo sob forte pressão institucional, docentes e comunidades produzem invenções coletivas que sustentam a vida escolar para além da lógica da performance. Essas invenções não se apresentam como resistência frontal ou organizada, mas como aquilo que Didi-Huberman comprehende como lampejos: pequenas irrupções que não apagam a violência estrutural, mas impedem que ela seja total.

Um resultado importante deste acompanhamento inicial é a compreensão de que o esgotamento docente não implica necessariamente paralisia. Ao contrário, ele convive de forma paradoxal com práticas de cuidado, solidariedade e criação. O cansaço aparece como marca de um sistema que captura a vida, mas também como ponto de inflexão que leva docentes a inventarem modos outros de permanecer — ou de não permanecer — nos espaços escolares.

A experiência da escola comunitária explicita, ainda, a emergência de linhas de fuga, especialmente quando a comunidade decide retirar as crianças de um espaço escolar marcado pela violência racial e afirmar o direito à educação no próprio território. Essa decisão não configura abandono escolar, mas uma ruptura ética e política, que desloca a pergunta sobre “acesso” para a pergunta sobre dignidade. Trata-se de um gesto de aquilombamento, no sentido proposto por Beatriz Nascimento: criação de vida onde o Estado produz ausência.

A discussão desses resultados aponta para a necessidade de ampliar o olhar sobre o que conta como prática educativa legítima. As experiências cartografadas tensionam as políticas educacionais vigentes ao mostrar que aprender, ensinar e cuidar não cabem integralmente nas métricas oficiais, mas seguem acontecendo nos interstícios, sustentados por vínculos, memórias e território

## CONSIDERAÇÕES FINAIS





Este relato de experiência integra uma pesquisa de doutorado em andamento, ainda em seu primeiro ano, e, por isso, não se propõe a apresentar conclusões fechadas ou respostas definitivas. Ao contrário, assume o caráter provisório, situado e aberto próprio da cartografia, entendendo a pesquisa como processo e não como produto finalizado.

As experiências aqui cartografadas — tanto na escola estadual da rede paulista quanto na escola comunitária do assentamento — indicam que, mesmo sob políticas educacionais marcadas pela plataformização, pelo controle e pela lógica da performance, a educação pública segue sendo atravessada por práticas que afirmam a vida. São gestos que não se organizam como modelos replicáveis, mas como experiências singulares, profundamente enraizadas nos territórios em que emergem.

Um dos principais aprendizados deste percurso inicial é a compreensão de que permanecer, inventar ou romper não são decisões abstratas, mas respostas éticas às condições concretas de existência. Permanecer na escola estadual, reinventando-a cotidianamente, ou criar

uma escola comunitária fora dos marcos tradicionais são movimentos distintos, mas igualmente políticos, que expressam a recusa em aceitar a desumanização como destino.

Ao assumir que este trabalho faz parte de uma pesquisa em construção, reafirmamos a importância de acompanhar os processos com tempo, escuta e implicação. As linhas de fuga, como aponta a própria cartografia, nem sempre se deixam ver de imediato. Muitas vezes, estão sendo tecidas em silêncio, no cansaço compartilhado, na decisão de cuidar, na recusa a continuar obedecendo ao que se tornou intolerável.

Assim, mais do que encerrar uma discussão, este texto abre um campo de investigação: sobre como docentes e comunidades produzem (re)existência no interior da educação pública paulista; sobre como a memória, o território e o coletivo operam como forças pedagógicas; e sobre como as políticas educacionais poderiam aprender com essas experiências, em vez de silenciá-las.

Permanecer com o problema, neste estágio da pesquisa, é um gesto ético e político. Não para aceitar o que está dado, mas para seguir cartografando, junto às escolas e comunidades, os modos pelos quais a educação pública insiste em viver — mesmo quando tudo parece conspirar contra ela.





## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), espaço fundamental de formação, encontro e experimentação pedagógica, e ao Encontro Nacional das

Licenciaturas (ENALIC), por possibilitar diálogos, escutas e partilhas que fortaleceram este percurso reflexivo. Agradeço, de modo especial, aos meus orientadores, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Cândida Varone De Moraes Capecchi e coorientação do Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Alexander de Freitas pela confiança, pelo acompanhamento rigoroso e sensível e pelas provocações que ampliaram meu olhar sobre a pesquisa e sobre a educação pública. Sobretudo, agradeço aos territórios, às comunidades, às escolas, às famílias, às crianças e aos sujeitos coletivos que abriram caminhos, compartilharam saberes e permitiram que essas experiências fossem vividas, narradas e pensadas. Sem esses encontros, este trabalho não existiria — pois é deles que nasce a possibilidade de uma educação comprometida com a vida, a dignidade e a reinvenção do comum.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361> Acesso em: 7 de Julho de 2025.

CARDOSO, Cláudia Pons. **Outras falas: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras.** 2012. 382f. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

CORTI, Ana.; CÁSSIO, Fernando.; STOCO, Sérgio. (org.). **Escola pública: práticas e pesquisas em educação.** São Paulo: Editora da UFABC, 2023.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal.** São Paulo: Editora Boitempo, 402 p, 2016.

DELEUZE, Gilles. **O que é um dispositivo?** Disponível em. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-65782013000100004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782013000100004) Acesso em: 12 de Julho de 2025.



DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos.** São Paulo: Escuta, 1998

DIDI-HUBERMAN, Georges. (org.). **Levantes.** Textos de Nicole Brenez, Judith Butler, Marie-José Mondzain, Antonio Negri e Jacques Rancière. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes.** Trad. Vera Casa Nova & Márcia Arbex. Belo Horizonte: Ufmg, 2011.

GROS, Frédéric. **Desobedecer.** Trad.: Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

HOOKS, bell. **Ensino a transgredir: a educação como prática de liberdade.** Trad. Ana Luiza Libânio. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. **Ensino comunidade: uma pedagogia da esperança.** São Paulo: Editora Elefante, 2021.

OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira de; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação.** Pro-Posições, v. 23, n. 3 (69), p. 159-178, set./dez. 2012.

PELBART, Peter Pál. **O Avesso do Niilismo.** São Paulo; N-1 Edições, 2021.